

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

323. JOÃO SEBASTIÃO BACH NO SEU ANIVERSÁRIO

Quando Mendelssohn, em 1829, fez executar a grandiosa "Paixão segundo São Mateus", de Bach, na mesma igreja de Leipzig onde havia sido apresentada cem anos antes (e uma só vez), talvez não imaginasse que estava contribuindo para o ponto de partida de um dos maiores acontecimentos da história da música, qual seja o redescobrimto de alguém que, conceituado em seu tempo apenas como um exímio organista, veio a se tornar a figura talvez mais importante de toda a evolução musical, certamente o mais estudado e o mais executado de todos os compositores.

Mendelssohn prosseguiu em suas pesquisas, descobrindo e promovendo a publicação de numerosos originais, o que veio a ser pouco depois sistematizado com a fundação da "Bach Gesellschaft" (Sociedade Bach), que iniciou suas atividades em 1850, quando Mendelssohn já não mais vivia, pois falecera em 1847. O enorme empreendimento dessa Sociedade, com seus quarenta e cinco volumes publicados - e que tem sua correspondência nos mil e tantos títulos do catálogo temático de Schmieder - revelou-nos o maior conjunto de obras musicais escrito por

um só autor e abrangendo praticamente todas as formas de composição (com exceção apenas da ópera) e com obras primas em todas elas.

"Síntese de seis séculos de arte musical", na expressão feliz de Mário de Andrade; "patriarca da harmonia", como o chamou Beethoven; "mestre supremo da polifonia", para Schweitzer, dividiu sua produção em obras instrumentais, orquestrais e corais: prelúdios, fugas, sonatas, trios, quartetos, invenções, concertos para diversos instrumentos alternam-se com cantatas, motetos e oratórios. Ligado à Igreja Luterana, deixou, como seu maior acervo, a série de cantatas para o calendário eclesiástico de sua comunidade, compreendendo não só os domingos, mas também os dias "de festa", muitos deles conservados da Igreja Católica.

Elaborou essa obra em função de seu cargo de "mestre-de-capela" de uma igreja de Leipzig e o fez durante cinco anos, o que dá um total de mais de trezentas cantatas; dessas, chegaram até nós "apenas" duzentas, além de muitas outras, sacras também, mas não litúrgicas e de outras seculares. Já escrevi neste mesmo local sobre as cantatas de Bach, considerando-as o maior conjunto de música sacra produzido por um só autor.

Muitas de suas obras são antológicas: o "Cravo bem temperado" (conjunto de 48 prelúdios e fugas), que tem sido considerado a "Bíblia dos pianistas"; a "Arte da Fuga"; o "Magnificat"; as "Paixões", notadamente as baseadas nos textos de São Mateus e de São João; o "Oratório do Natal" (na realidade, um conjunto de seis cantatas para o ciclo natalino); a Missa em si menor, que muitos consideram sua maior obra. Alguns estranham que Bach, sendo protestante (e o mais protestante de todos os compositores) tenha composto um missa segundo a liturgia católica, e que é, como disse, para muitos, sua maior obra. Nada a estranhar. Oportunamente voltarei a este assunto.

Escrevi linhas atrás, que Bach só não compôs óperas. Entretanto, duas de suas cantatas seculares, a "do Café" (nº 211) e a "do Camponês" (nº 212) trazem, nas partituras, indicações cênicas que permitem que elas sejam encenadas. E já o foram, como eu próprio tive o privilégio de assistir, em belíssimos espetáculos da "Opera de Câmara de Buenos Aires". Isso, pelo menos há uns quarenta anos... Ora, encenadas, as duas cantatas afiguram-se pequenas óperas.

Nascido a 21 de março de 1685, esta modesta evocação do grande compositor vem a propósito de seu aniversário, no dia de hoje. (21-3-1998).

*

324. PRECIOSA CONTRIBUIÇÃO À ANCHIETANA

Em 1858, um escritor francês, Charles Sainte-Foy, dedicou-se ao estudo dos inícios da evangelização no Brasil. Impressionado pela personalidade de Anchieta, decidiu-se a escrever sua biografia. Pesquisou cuidadosamente nas melhores fontes disponíveis e acabou produzindo uma obra encantadora, que prende a atenção do leitor desde as primeiras páginas. É esse livro que vem de ser posto novamente ao nosso alcance, numa edição comemorativa do quarto centenário anchietano, transcorrido no ano passado.

A primeira edição brasileira surgiu há mais de um século, em 1877, com apresentação de D. Lino, então bispo de São Paulo; uma segunda edição apareceu em 1926, por uma editora salesiana de Niterói. Da edição de que ora dispomos incumbiu-se Armando Alexandre dos Santos, bastante conhecido pelos seus eruditos e bem fundamentados trabalhos de investigação histórica, e que julgou preferível não reproduzir a tradução anterior, pois "a linguagem utilizada seria de difícil inteligência para numerosos leitores de hoje, não habituados ao vocabulário e à construção das frases usuais no século XIX". Pareceu-lhe, assim, mais indicado, preparar uma nova tradução, na linguagem corrente dos nossos dias.

E se bem o pensou, melhor o fez, apresentando-nos na realidade um livro, com texto precedido de erudita introdução, com esclarecimentos sobre o autor e o sentido da obra. Informa-nos, de início, que o autor, na realidade, chamava-se Eloi Jourdain (1806-1861), mas tornou-se internacionalmente conhecido pelo pseudônimo de Charles Sainte-Foy, que acabou eclipsando inteiramente o nome, que é desconhecido até mesmo por muitos admiradores de sua obra.

O autor revelou seu talento literário de início em assídua colaboração na imprensa, passando a publicar, pouco depois, numerosas obras que tiveram, em seu tempo, grande repercussão nos meios católicos. Entre elas, **Livre des rois et des peuples** (1839), **La vie du chrétien sanctifiée** (1840), **Heures sérieuses d'un jeune homme** (1840), **Le chrétien dans le monde** (1848) e traduziu, ainda, diversos livros. Como se vê, pelo elenco que nos mostra o tradutor, sua bibliografia abrange tanto livros doutrinários como devocionais.

Vinculado à Companhia de Jesus, empenhou-se na elaboração de uma série de biografias de jesuítas célebres pela santidade de vida. Escolheu, para figurar em sua coleção, três apóstolos ligados ao Brasil: os padres Nóbrega, Anchieta e João de Almeida.

A biografia anchietana foi publicada pela primeira vez em 1858 pela Editora Casterman, de Paris; para escrevê-la, tomou como base uma história de Anchieta publicada na Itália em 1738 pelo padre Longaro degli Oddi, volumosa de mais de trezentas páginas e da qual, informa o tradutor, a Biblioteca Municipal "Mário de Andrade", de São Paulo, tem cópia em micro-filme.

Do critério de seu trabalho, diz Armando Alexandre dos Santos: "A tradução ora apresentada é muito fiel quando ao conteúdo; tivemos, porém, empenho em atualizar o estilo e a construção das frases, de forma a tornar o texto acessível aos leitores brasileiros modernos. Procuramos, também, efetuar pequenos ajustes e correções de imprecisões históricas ou geográficas, compreensíveis, aliás, em se tratando de obra escrita por um estrangeiro, e omitindo um que outro dos episódios narrados, por os impugnar a boa crítica atual".

Reveste-se, portanto, a publicação do pequeno e simpático livro de Saint-Foy de profundo interesse como peça fundamental de nossa já vasta bibliografia anchietana. 28-3-1998.

*

325. CENTENÁRIO DE UM COMPOSITOR BRASILEIRO

No dia 21 de março último, tive oportunidade de registrar, nesta folha, a significativa efeméride que então transcorria, relativa ao

aniversário de João Sebastião Bach, uma das maiores figuras da história da música, como seria desnecessário lembrá-lo. Por coincidência, a mesma data assinalava outra efeméride igualmente significativa, especialmente, neste caso, para o Brasil: o centenário do nascimento do compositor, pianista e regente João de Souza Lima, que, nessa tríplice função tornou-se merecidamente uma das figuras mais marcantes da história da música em nosso país, intimamente ligado à vida artística, especialmente de São Paulo, a partir da terceira década deste século.

Paulistano de velhos troncos, nascido na velha rua da Tabatinguera, de tanto significado nas tradições da ainda pequenina São Paulo de fins do século passado, seus primeiros estudos fê-los a princípio com o irmão, José Augusto de Souza Lima e, depois, com mestre Chiafarelli, o verdadeiro fundador da escola pianística paulista, da qual saíram os valores igualmente notáveis de Guiomar Novaes e Antonieta Rudge. Na segunda década do século, não contando ainda vinte anos, já era considerado um dos nossos grandes "virtuosos" do piano, pois já dera concertos no Rio de Janeiro e em São Paulo e já obtivera dois prêmios em concursos de composição.

Sua carreira se define, por assim dizer, nas reuniões famosas e de tanta projeção na vida intelectual e social de São Paulo, promovidas por Freitas Vale, em sua Vila Kyrial, na Vila Mariana. Lá centralizava-se, de certa forma, o mundo artístico de São Paulo, a ela comparecendo, inclusive, figuras ilustres de passagem pela Capital. A fidalguia do senador gaúcho, que soubera dar à sua residência o mesmo toque de elegância, de distinção e de bom gosto, que nos habituamos a sentir, pelas leituras, nos famosos salões franceses da era romântica ou da "belle époque", contribuía enormemente para a aglutinação do que a Capital paulista possuía de mais expressivo.

Xavier Leroux, regente francês, de passagem por São Paulo à frente de uma companhia lírica, teve ocasião de comparecer a uma dessas reuniões da Vila Kyrial e ali ouviu o então jovem pianista Souza Lima. Tanto o apreciou, que empenhou-se junto ao Senador para que procurasse obter do governo do Estado uma bolsa para que o talentoso pianista e já compositor pudesse estudar em Paris. Foi o ponto de partida de uma brilhante carreira.

Os onze anos que Souza Lima viveu na capital francesa, onde estudou com Isador Philip, Margueritte Long, Egon Petri, Maurice Emmanuel, e, mais ainda os grande mestres com os quais conviveu: Ravel, Gigout, Roussel, Dukas, Landormy, Nadia Boulanger, Milhaud, Poulenc, Honegger, e tantos outros - de muitos deles Souza Lima foi o primeiro a divulgar suas obras no Brasil - tudo isso influiu poderosamente na formação e na caracterização de um sentido estético, do qual muito veio a se beneficiar sua produção futura.

E o momento em que retorna ao Brasil, coincidindo com a "Semana de Arte Moderna", abriu-lhe novas perspectivas, demonstrando que a permanência em França e a convivência com suas maiores figuras do cenário musical não o desnacionalizaram. Ao contrário, deram-lhe um sentido mais objetivo no rumo do nacionalismo musical, não simplesmente de aparência, mas de profundidade.

O impulso dado à vida cultural paulista na década de 30, especialmente após a criação do Departamento de Cultura, na administração de Fábio Prado, que chamou a dirigi-lo Mário de Andrade, não podia deixar de interessar a Souza Lima. Nele, o grande musicólogo teve um dos seus mais eficientes colaboradores, como pianista (integrando conjunto de qualidade como o "Trio São Paulo"), como regente e como compositor, pois um dos primeiros concursos de composição instituídos pelo recém-criado Departamento, lá por 1936 ou 37, teve o seu primeiro prêmio arrebatado por Souza Lima, com o poema sinfônico "O rei mameluco", inspirado no conhecido episódio da aclamação de Amador Bueno como rei dos paulistas, no século XVII. E desde então, e por quase meio século, ou seja praticamente até o seu falecimento em novembro de 1982, nosso compositor vinculou-se à vida musical de São Paulo naquela triplíce função a que, de início, me referi, como pianista, como regente e como compositor. E também como professor, peder-se-ia acrescentar, com admirável trabalho na preparação de novos valores.

Sua produção é imensa, abrangendo as mais variadas formas: óperas, bailados, poemas sinfônicos, concerto para piano e orquestra, peças para piano, ídem para canto e piano, obras corais. Alguns de seus trabalhos orquestrais, como o "Poema das Américas", mereceram prêmios internacionais. O que é deveras de se lamentar é que pouca coisa de sua produção tenha merecido as honras da gravação, e o disco - sabem-no

todos - é a melhor, às vezes mesmo a única maneira de se conhecer a produção de um compositor, pois se formos esperar apenas pelas realizações em concertos ou recitais, muito restrito será nosso repertório.

Assim, pouco está Souza Lima representado na discografia nacional. Basta dizer que, de suas obras orquestrais, apenas uma - "Lendas Brasileiras" - se encontra gravada, numa série de música erudita idealizada por Irineu Garcia, sob os auspícios do Ministério da Educação, que, infelizmente, não teve prosseguimento. Além dessa obra, podemos ouvir, para piano, cinco prelúdios (gravados por Eny da Rocha), um "Improviso" (gravado pelo Saudoso Fritz Jank), um "Noturno" (gravado por Clara Sverner) e uma "Valsa" (gravada pelo também saudoso Arnaldo Estrela). Para violino e piano, o "Capricho rústico" (gravado por Nathan Schwartzmann e Fritz Jank), uma "canção" (gravada por Magdalena Lebeis) e um "lundu" (gravado pelo Conjunto Coral do Instituto Ítalo-Brasileiro, dirigido por Walter Lourenção). É pouco, muito pouco para quem muito produziu. Como intérprete, ele próprio, duas ou três peças ainda ao tempo dos discos em 78 rotações. Esperamos que com o advento do CD, que inegavelmente abriu novas perspectivas para a música gravada, surja alguma possibilidade de resgatar a memória do grande compositor, pianista e regente.

Apraz-me recordar, para encerrar esta nota, que São Paulo (Capital) ficou devendo a Souza Lima uma das mais belas realizações cênicas já levadas a efeito no Teatro Municipal e à qual tive o privilégio de assistir: a encenação do grande oratório "L'Enfance du Christ", de Berlioz. Espetáculo de rara beleza, no qual, à direção segura de Souza Lima, aliaram-se a seriedade e o bom gosto de Badia Vilató, Lucille Boy-Sendra, Eladio Perez Gonzales, Juan Carlos Ortiz e Roberto Machado de Campos (há pouco falecido). Espetáculo realizado quatro ou cinco vezes, o que, para esse gênero de música, é caso verdadeiramente excepcional. (18 e 25-4-1998).